

N O X X I E S C O
E C U L A
A ESCOLA
NO SÉCULO XXI

VOLUME 2



DOCENTES E DISCENTES NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

**Ciclo formativo - exigências
e desafios
Educação em Tecnologias
Didática**

Marcus Garcia de Almeida

Prof. Msc.

Maria do Carmo Duarte Freitas

Prof.^a Dra.

(organizadores)



A ESCOLA
NO SÉCULO XXI

VOLUME 2

DOCENTES E DISCENTES NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

**Ciclo formativo - exigências
e desafios**

**Educação em Tecnologias
Didática**

Marcus Garcia de Almeida
Prof. Msc.
Maria do Carmo Duarte Freitas
Prof.^a Dra.
(organizadores)

A ESCOLA NO SÉCULO XXI

VOLUME 2

DOCENTES E DISCENTES NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

**Ciclo formativo - exigências
e desafios
Educação em Tecnologias
Didática**



Copyright© 2012 por Brasport Livros e Multimídia Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, sob qualquer meio, especialmente em fotocópia (xerox), sem a permissão, por escrito, da Editora.

Editor: Sergio Martins de Oliveira

Diretora: Rosa Maria Oliveira de Queiroz

Gerente de Produção Editorial: Marina dos Anjos Martins de Oliveira

Revisão de Texto: Maria Inês Galvão

Editoração Eletrônica: Ingrafoto Produções Gráficas (Michelle Paula)

Capa: Ingrafoto Produções Gráficas (Rebeca Baroni)

Conversão para e-book: Alessandra Mayris

Técnica e muita atenção foram empregadas na produção deste livro. Porém, erros de digitação e/ou impressão podem ocorrer. Qualquer dúvida, inclusive de conceito, solicitamos enviar mensagem para **brasport@brasport.com.br**, para que nossa equipe, juntamente com o autor, possa esclarecer. A Brasport e o(s) autor(es) não assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso deste livro.

BRASPORT Livros e Multimídia Ltda.

site: www.brasport.com.br

Rua Pardal Mallet, 23 – Tijuca

20270-280 Rio de Janeiro-RJ

Tels. Fax: (21) 2568.1415/2568.1507

e-mails: **brasport@brasport.com.br**

editorial@brasport.com.br

site: **www.brasport.com.br**

Filial SP

Av. Paulista, 807 – conj. 915

01311-100 São Paulo-SP

Tel. Fax (11): 3287.1752

e-mail: **filialsp@brasport.com.br**

APRESENTAÇÃO

A Escola No Século XXI

Durante o PDE (Programa de Desenvolvimento da Educação) 2008/2009, os docentes e gestores de escolas primárias e secundárias públicas e privadas do Paraná reuniram-se na UFPR (Universidade Federal do Paraná), em Curitiba, para discutir, aprofundar-se e repensar a escola e sua práxis frente aos desafios emergentes neste início de século. Valendo-se de um AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem) baseado no *software Moodle*, a coordenadora do PDE Profa. Dra. Maria do Carmo Duarte Freitas e equipe prepararam um curso sobre a utilização do AVA aos participantes e convidaram especialistas de diversas áreas para provocar algumas reflexões. Como resultado dessas reflexões, foi elaborado pelos participantes do PDE um caderno temático e alguns artigos apresentados em congressos durante aquele período.

Ainda como resultado das reflexões, interagindo através do AVA, os participantes do PDE aprofundaram a discussão durante alguns meses gerando um rico material que refletia a realidade, as dificuldades e os desafios enfrentados e superados, cada um em sua realidade, mas olhando sempre um contexto educacional mais amplo.

Analisando a riqueza do material produzido e sabendo que ainda havia algumas vertentes da discussão iniciada naquele fórum para aprofundar, em um processo exógeno levado às últimas consequências, preparamos uma proposta de publicação que desse cabo das principais inquietações e dúvidas que pairavam na mente dos educadores. Assim nasceu a ideia do projeto para construções desta obra.

Pensar a educação, o ensino e a escola neste início de século sem considerar a enorme pressão que é exercida por parte das tecnologias emergentes sobre educadores, educandos, gestores de escolas e sociedade de forma geral não é mais possível. As gerações que participam do ecossistema ensino/aprendizagem são oriundas de “eras tecnológicas” muito distantes e isto gera conflitos de ideias, conceitos e ideais.

Uma nova realidade para a educação se configura. Pensar no conflito de gerações como um empecilho ao avanço constitui-se num equívoco; ao contrário, é sim uma oportunidade para avançar de forma consistente a um novo patamar. Ao evocar este novo patamar – que não sabemos ao certo como será – não se está falando de ambientes tecnológicos permeados de aparatos brilhantes e coloridos, *gadgets* mirabolantes e pirotecnia típica de *nerds*. Falamos sim de consideração e respeito às diferenças e à qualidade das interações que todo educador, sem exceção, deve carregar em seu discurso formativo.

O que é preciso saber (de fato) sobre TIC (Tecnologia da Informação e da Comunicação) na educação? Quais são os equipamentos novos que existem? Como utilizar estes equipamentos? Quais *softwares* são relevantes? A Internet é uma vilã? As redes sociais influenciam o modo de o educador se relacionar com seus alunos? Eu preciso de uma lousa digital? Os laboratórios virtuais e de realidade aumentada são aplicáveis em qual contexto de ensino e aprendizagem? Quando devo utilizar filmes? Retroprojektor com lâminas de acetato ainda é factível? E aquele antigo mimeógrafo, será que posso utilizar? O papel almaço quadriculado é uma tecnologia aplicável? Não tenho computador na escola, como posso fazer? Quais tecnologias podem potencializar ou facilitar o aprendizado dos portadores de necessidades especiais? Como promover a inclusão digital em minha escola? Como fazer avaliação neste contexto cibernético? Os blogs e microblogs são prejudiciais ao desenvolvimento da forma culta da língua?

Estas são algumas das questões que direta ou indiretamente discutimos nesta obra e são também motivadoras para uma questão primordial e que antecede todas elas: a educação (e o contexto no qual se insere) está preparada para este novo século?

Este livro foi preparado de forma consorciada, em colaboração, em rede, valendo-se de recursos convencionais (para os padrões da Internet): *e-mail*, *instant messaging*, *blog* e fórum e contou com a participação de educadores de regiões geograficamente tão distantes como Fortaleza-CE e Florianópolis-SC, por exemplo.

A obra foi estruturada em quatro volumes que tratam dos seguintes eixos temáticos:

Volume I – Atores Responsáveis pela Educação e seus Papéis.
Ferramentas de ensino; Ferramentas emergentes.

Volume II – Docentes e Discentes Na Sociedade da Informação
Ciclo formativo – exigências e desafios; Educação em tecnologias; Didática.

Volume III – Virtualização das Relações: um Desafio da Gestão Escolar
Paradigmas contemporâneos.

Volume IV – Desafios Permanentes
Projeto político pedagógico; Gestão escolar; Métricas no contexto das TICs.

Algumas das características que procuramos privilegiar nesta obra foram:
a) simplicidade do discurso (na medida do possível, pois há jargões inevitáveis);
b) ilustração das experiências com relatos verídicos feitos por quem os viveu;
c) sugestão de encaminhamento metodológico para que os temas possam ser debatidos e enriquecidos; d) indicação de referencial teórico complementar, pois os artigos aqui reunidos não constituem panaceia, mas pressupostos de discussão.

Estendemos o alcance dos conteúdos do livro à Internet. Nos endereços **www.aescolanoseculoxxi.com.br** e **www.aescolanoseculo21.com.br** mantemos um portal ativo com conteúdo complementar e espaço para troca de informações.

Agradecemos às Instituições de Ensino que apoiaram os educadores na busca de elementos que constituíssem um diferencial importante na construção de artigos fundamentados na prática e que teve na observação sua sustentação maior. Aos estudantes e profissionais da educação, do ensino e das escolas que participaram direta e indiretamente da obra colaborando, opinando, apoiando, incentivando, orientando e permitindo o enriquecimento das discussões levando-as a um patamar de esclarecimento capaz de lançar novos holofotes sobre as tecnologias e sua aplicação.

Marcus Garcia de Almeida
Organizador.

SOBRE O VOLUME 2

A Escola no Século XXI

Uma pergunta que você pode fazer: por que o título da obra é “A Escola **NO** Século XXI e não “A Escola **DO** Século XXI? A resposta que damos inicialmente é simples: não estamos trazendo aqui uma reflexão sobre a escola que ainda não temos (utopia), mas sim da escola que temos efetivamente. Esta escola, a que temos hoje, é como sempre foi, avançou pelas décadas, virou do século XX para o XXI e constatamos que ela pouco ou quase nada mudou para refletir a realidade da sociedade humana neste início de século.

No Volume 2 focamos o eixo temático: “Docentes e Discentes Na Sociedade da Informação: Ciclo formativo – exigências e desafios; Educação em tecnologia; Didática”, organizado nos seguintes artigos:

- Ciclo formativo - Exigências e desafios
 - ♦ Educação Especial: A inclusão pelo exercício do teatro
 - ♦ Letramento Digital na Educação Básica de Jovens e Adultos (EJA)
 - ♦ Educação infantil pensando a educação dos nativos digitais
 - ♦ O papel do pedagogo no processo de transição dos alunos de 4ª e 5ª séries do ensino fundamental
 - ♦ Ensino Fundamental e Médio. Especificidades (licenciatura, bacharelado, tecnólogo, especialização, mestrado e doutorado)
- Educação em tecnologia
 - ♦ Educação Superior
 - ♦ Uso das TICs no Ensino Superior: a simulação de edifícios no ensino da física aplicada
- Didática
 - ♦ Ensino / Aprendizagem
 - ♦ Avaliação da Aprendizagem: o que e como em ambientes virtuais



Organizador da obra: Marcus Garcia de Almeida
mga@ufpr.br

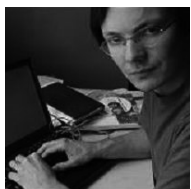
Pedagogo, Mestre em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação (UFPR, 2009). Especialista em Gestão do Conhecimento nas Organizações (UTFPR-2006), Pedagogo (Universidade Tuiuti do Paraná-1998-2003), especialista em O&M (Faculdades de Plácido e Silva-1987), Analista de Sistemas (SPEI-1985). É Gerente de Operações (Lume Tecnologia-2004-atual) e consultor para EAD (2001-atual). Atua como Project Manager na Superintendência de Informática da Itaipu Binacional (2007-atual). Possui onze livros publicados nas áreas de História da Computação, Automação de Escritórios, Sistemas Operacionais, Fundamentos da Informática, Pedagogia Empresarial e Autoajuda (1998-atual). Professor desde 1983, palestrante desde 1991.



Organizadora da obra: Maria do Carmo Duarte Freitas
mcf@ufpr.br

Durante o ensino médio estudou pela televisão. Concluiu o ensino médio pela Escola Técnica Federal do Ceará, mas o projeto de formação superior ficou esperando alguns anos. Em 1996, formou-se em Engenharia Civil pela Universidade de Fortaleza (1996), prosseguiu no Mestrado (1999) e Doutorado (2003) em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. Hoje é professora da Universidade Federal do Paraná - instituição que em breve completará 100 anos. Trabalhou em indústria de manufatura, projetos industriais e residências, construtoras, entre outras. Hoje trabalha no Departamento de Ciência e Gestão da Informação com ensino, pesquisa e extensão. Seus projetos de pesquisa envolvem as soluções tecnológicas inovativas aplicadas ao desenvolvimento de produtos e serviços de informação, todos estes desenvolvidos no Laboratório de Mídias Digitais e Centro de Estudos em Realidade Virtual e Aumentada.

Autores deste volume:



Aloísio Leoni Schmid iso@ufpr.br

Engenheiro Mecânico (UFPR, 1990), Mestre (Utsunomiya, Japão, 1993) e Doutor (Karlsruhe, Alemanha, 1996) em Engenharia. Ensino de Conforto Ambiental, Metodologia

Científica e Energia e Ambiente (Arquitetura e Urbanismo e PPGCC-UFPR). Pesquisa em acústica de auditórios e simulação de edifícios. Consultoria em conforto ambiental e eficiência energética em edificações. Extensão em construções mais sustentáveis, transferência de tecnologia e música como acesso à cidadania. Coordenador de Cultura da UFPR entre 2007 e 2008. Coordenador do Curso de Tecnologia em Construção de Instrumentos Musicais da UFPR, pioneiro no Brasil. Violinista amador. Atuante em recitais de música de câmara.



Ana Bonatto de Castro e Costa anadecastroecosta@gmail.com

É professora da rede pública de ensino do Estado do Paraná, atuando no Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos Ulysses Guimarães, Colombo-PR, nas áreas de Ciências e Biologia, desde o ano 2000. Foi coordenadora das ações descentralizadas da EJA em onze municípios da Região Metropolitana Norte de Curitiba no ano de 2004. Desde 2007 trabalha com letramento digital associado às disciplinas escolares de Ciências e Biologia.



Ana Carolina Greef ac.greef@gmail.com

Mestranda em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação (UFPR), bacharel em Gestão da Informação (UFPR), é bolsista do programa REUNI de fomento ao ensino e à pesquisa. Desenvolve pesquisas em Fluxos de Informação, mais especificamente sobre a avaliação e gestão desses por meio dos princípios do Lean Thinking - Mentalidade Enxuta. Em pesquisa de graduação, desenvolveu o conceito de Fluxo Enxuto de Informação e formas de mapeamento desse. Atua no intercâmbio graduação/pós-graduação no Bacharelado em Gestão da Informação (UFPR), com ênfase no esclarecimento de conceitos da Ciência da Informação e no uso de ferramentas colaborativas (wikis, fóruns, chats) tanto como veículos de interação aluno-aluno e aluno-professor quanto como ferramentas de exercício e avaliação da aprendizagem. Tem interesse profissional na gestão de fluxo de informação em ambiente organizacional e acadêmico, aliada a conceitos da engenharia de produção. Busca a experiência na área de formação superior e continuada de profissionais atuantes e futuros.



Avanilde Kemczinski avanilde@gmail.com

Possui graduação em Terapia Ocupacional pela Associação Catarinense de Ensino - Faculdade de Ciências da Saúde de Joinville (1992), especialização em Informática pela Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC (1994), mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC (2000), e doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC (2005). Desde 2002 é professora da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Líder do Grupo de Pesquisa em Informática na Educação no CNPQ-UDESC. Tem interesse nas áreas correlatas à Informática na Educação, notadamente tecnologia educacional, objetos de aprendizagem, interação humano-computador, metodologia de concepção, desenvolvimento e avaliação de ambientes e-learning, realidade virtual aplicada e metodologias e/ou modelos de ensino-aprendizagem.



Cassandra Ribeiro Joye cassandra@ifce.edu.br

Graduada em Pedagogia Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Pernambuco (1990), mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (1998) e doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2002). Realizou um ano de estágio doutoral na Université de Genève-UNIGE/TECFA: Technologies Formation et d'Apprentissage. É professora e pesquisadora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (anterior CEFETCE). Coordena a Diretoria de Educação a Distância do IFCE-DEAD- e seus cursos da Universidade Aberta do Brasil (UAB) – bem como projetos de Pesquisa e Desenvolvimento na área de EAD. Colabora com a UECE e UFC em programas de pós-graduação. Áreas de atuação predominantes em docência e projetos: Educação a Distância, Informática Educativa, Produção e Avaliação de Materiais Didáticos Digitais, Didática e Metodologias de Ensino, Metodologia da Pesquisa Científica e Tecnológica.



Célia Scucato Minioli cminioli_90@msn.com

Mestre em Ciência, Gestão Tecnologia da Informação (UFPR); especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Curitiba, UNIBEM, Brasil; possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Pedagogia pela Faculdade São Judas Tadeu (FAPI – Pinhais); atua como professora da Rede Estadual de Ensino do Paraná, onde tem exercido várias funções. É especialista em Desenvolvimento de Projetos de Implantação de Cursos Técnicos; participou do Plano de Desenvolvimento Educacional – PDE junto à Secretaria de Estado da Educação (2007-2008), na área de Gestão Escolar; pertence ao Grupo de Pesquisa Aplicada em Ciência, Informação e Tecnologia (DECIGE/UFPR), desenvolvendo várias atividades voltadas à Gestão da Informação.



Claudine Varela claudine1940@terra.com.br

Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense; pós-graduada em educação e licenciada em Português/Literaturas pela Universidade Cândido Mendes; Bacharel em Português e Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora de Teatro do Instituto Municipal Helena Antipoff; professora da Universidade Salgado de Oliveira.



Egon Walter Wildauer egon@ufpr.br

Atuou como oficial analista de sistemas no Centro de Informática 5 (1991-1998) do Exército Brasileiro, concluindo vários sistemas computacionais para organizações militares (material permanente, de consumo, pessoal, equipamento e recrutamento). Foi gerente de Bureau na empresa Schlumberger Cardtech Ltda., empresa multinacional líder na confecção e personalização de cartões magnéticos bancários, tendo trabalhado no Brasil, na Argentina, no México e na Europa. Foi Diretor de Campus, Coordenador do Curso de Bacharelado em Sistemas de Informação e Coordenador do Curso de Ciência da Computação em centro universitário de Curitiba. Leciona no ensino superior desde 1995. Possui certificação Oracle, além de vários cursos na área de informática. Atualmente é professor de Infometria, Banco de Dados e Web-

Design do curso de Gestão da Informação e coordena dois projetos de pesquisa ligados à Educação na Universidade Federal do Paraná.



Irene Aparecida Mattos yrenemattos@gmail.com

Especialização em Ensino de Língua Portuguesa (Centro de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão das Faculdades Integradas da Sociedade Educacional Tuiuti, 1994). É professora da rede pública de ensino do Estado do Paraná, atuando no Colégio Estadual Papa João Paulo I, Almirante Tamandaré - PR, na área de língua inglesa, desde o ano de 1990. Nesse colégio desempenhou as funções de supervisora e de diretora auxiliar e foi professora de 1ª a 4ª séries nos anos de 1979 a julho de 1982. Trabalhou em secretaria de escola particular durante 23 anos.

Isabela Gasparini isabela@joinville.udesc.br



Professora universitária do Departamento de Ciência da Computação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atuou no Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da universidade. Foi integrante da Comissão Permanente de Acessibilidade (COOPERA), ligado ao COMDE (Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência) e, posteriormente, membro do COMDE. Atualmente é doutoranda do PPGC - Programa de Pós-Graduação em Computação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e M.Sc pela mesma instituição. Sua área de atuação é Interação Humano-Computador (IHC) ligada à Informática na Educação. Participou da criação e hoje atua no desenvolvimento de melhorias no ambiente AdaptWeb (Ambiente de Ensino Aprendizagem Adaptativo na Web).



Kleber do Nascimento Silva manokleber@gmail.com

Tem atuado na área de Ciência da Computação, com ênfase em Teoria da Computação, como Analista de Sistemas e Negócios no Banco Bradesco S.A. Possui experiência nas seguintes áreas: Educação a Distância, Instrumentos de Avaliação, Ferramentas de Autoria baseada na Web e Avaliação de Aprendizagem. Participa do programa de tutoria a distância pela Universidade Aberta do Brasil (UAB) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) nas disciplinas de Educação a Distância e Fundamentos da Administração.



Maria Cecília Tavares mariactavares@ibest.com.br

Curso de Formação de Professores do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental - 1979; Licenciatura Curta em Educação Artística - 1986; Curso de Qualificação Profissional de Ator da Escola Técnica de Teatro Martins Pena - 1993; professora da Oficina de Teatro do Centro de Referência em Educação Especial do Instituto Municipal Helena Antipoff, no Rio de Janeiro.

SUMÁRIO

A Escola No Século XXI

CAPÍTULO 4 - CICLO FORMATIVO - EXIGÊNCIAS E DESAFIOS	1
ARTIGO 11. Educação Especial: A Inclusão pelo Exercício do Teatro	2
ARTIGO 12. Letramento Digital na Educação Básica de Jovens e Adultos (EJA)	21
ARTIGO 13. Educação Infantil Pensando a Educação dos Nativos Digitais	44
ARTIGO 14. O Papel do Pedagogo no Processo de Transição dos Alunos de 4ª e 5ª Séries do Ensino Fundamental	64
ARTIGO 15. Processo de Ensino das Escolas Brasileiras e as Especificidades dos Formadores Universitários	90
CAPÍTULO 5 - EDUCAÇÃO EM TECNOLOGIAS	137
ARTIGO 16. Educação Superior	138
ARTIGO 17. Uso das TICs no Ensino Superior: A Simulação de Edifícios no Ensino da Física Aplicada à Arquitetura	155
CAPÍTULO 6 - DIDÁTICA	175
ARTIGO 18. Ensino / Aprendizagem	176
ARTIGO 19. Avaliação da Aprendizagem: O que e Como em Ambientes Virtuais	190
ÍNDICE REMISSIVO	217



CAPÍTULO 4:

CICLO FORMATIVO –

EXIGÊNCIAS E DESAFIOS

ARTIGO 11

Educação Especial: A Inclusão pelo Exercício do Teatro

Maria Cecília Tavares, Claudine Varela

Sumário

Resumo.....	2
Palavras-chave.....	3
1. Introdução.....	3
2. O teatro como expressão e comunicação	4
3. O teatro como produção coletiva	4
4. O teatro como produto cultural e apreciação estética	5
5. Ludicidade, criação e prazer	6
6. Encaminhamento metodológico	7
7. Case 1: grupo de alunos com deficiência visual.....	8
8. Case 2: atendimento individual	11
9. Case 3: Teatro Sem Limite.....	13
10. Conclusão: sem limites	16
11. Questões para reflexão	17
12. Tópico para discussão	18
13. Para saber mais sobre o tema.....	18
Referências	20

Resumo

A experiência de aprendizagem aqui descrita tem como prioridade apresentar uma reflexão artísticopedagógica relacionada com a relevância das atividades teatrais na inclusão de alunos com deficiência ou necessidades educacionais especiais oriundas de deficiências, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação. Aos estudantes de pedagogia que desejam trabalhar com estes alunos, cabem a criação e o uso de recursos tecnológicos e de outros meios de expressão. Este texto trata do teatro como uma opção educativa facilitadora da inclusão social desses alunos. Há relatos de experiência onde os estudantes realizam atividades estruturadas, dirigidas pelo professor e que concentram conteúdos específicos.

Palavras-chave

Educação Especial, Teatro, Inclusão, Ludicidade, Linguagem teatral, Produção Cultural.

1. Introdução

Incluída nas Artes Cênicas, a Linguagem Teatral, que aqui trataremos por seu uso comum, Teatro, é o produto da articulação de outras linguagens — relacionadas às artes visuais, ao corpo, à música...

Observa-se a presença do Teatro em todos os períodos da história das sociedades. Isso porque ele tem uma importante função social: referindo e retratando em suas obras o comportamento, os costumes, os vícios, as angústias e tudo que envolve a sociedade; auxilia na adequação dos indivíduos aos valores sociais nos quais estão inseridos e na compreensão, além dos processos sociais, dos processos individuais, dos próprios sentimentos e questões. Dessa forma o Teatro contribui para o funcionamento das estruturas sociais e para a relação indivíduo x coletividade.

O Teatro nasce quando o ser humano descobre que pode observar-se a si mesmo: ver-se em ação. Descobre que pode ver-se no ato de ver — ver-se em situação.

Ao ver-se, percebe o que é, descobre o que não é, e imagina o que pode vir a ser. Percebe onde está, descobre onde não está e imagina onde pode ir. Cria-se uma tríade: Eu observador, Eu em situação, e o Não-Eu, isto é, o Outro. O ser humano é o único animal capaz de se observar num espelho imaginário (antes deste, talvez tenha utilizado outro — o espelho dos olhos da mãe ou o da superfície das águas —, porém pode agora ver-se na imaginação, sem esses auxílios). O espaço estético (...) fornece este espelho imaginário. Esta é a essência do Teatro: o ser humano que se auto-observa. (...) Teatro — ou teatralidade — é aquela capacidade ou propriedade humana que permite que o sujeito se observe a si mesmo em ação, em atividade. O autoconhecimento assim adquirido permite-lhe ser sujeito (aquele que observa) de um outro sujeito (aquele que age); permite-lhe imaginar variantes ao seu agir, estudar alternativas. O ser humano pode ver-se no ato de ver, de agir, de sentir, de pensar. Ele pode se sentir sentindo, e se pensar pensando. (BOAL, 1996).

Entendendo a importância do teatro, assim como das outras artes, para o desenvolvimento individual e coletivo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9394/96 coloca o ensino de arte como obrigatório na educação básica¹ e, em 1998², consolida o teatro como uma das modalidades artísticas a serem trabalhadas na área de Artes.

¹O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (LDB: 9394/96).

²Parâmetros Curriculares Nacionais.

Na escola, o ensino do teatro tem como um de seus objetivos principais trabalhar a relação entre o individual e o coletivo a partir de três eixos principais, a saber.

2. O teatro como expressão e comunicação

O código teatral implica enfim a obrigação de jogar (REVERBEL, 1997), o que leva o aluno a expressar-se de alguma forma, utilizando seu próprio corpo, sua voz, o espaço, materiais... articulando-os para que se efetive a comunicação.

Essa articulação requer consciência sobre o processo, pois o aluno precisa racionalizar suas emoções e conhecer os recursos disponíveis a fim de escolhê-los e ressignificá-los; elaborando sua estratégia para expressar sua ideia, seu conceito, sua emoção... exemplos disso são as improvisações de situações do cotidiano, jogos com mímica, poses e esculturas corporais, imitações de sons e ruídos da natureza utilizados nas aulas de Teatro. É importante saber que ao término de cada atividade é necessária sua avaliação pelo grupo.

...o grupo debate o trabalho... o nível de comunicação pelo gesto, a sinceridade, a confiança, a correta utilização do espaço etc. O debate ensina a utilização da linguagem verbal, pois, ao analisar, criticar e sugerir ideias sobre as atividades, o aluno sente necessidade de se expressar de forma simples e clara...Não somente a linguagem verbal pode ser usada para debater a atividade, mas também a linguagem escrita, o desenho, a modelagem. O importante é que o aluno opine, desenvolva seu senso crítico. (REVERBEL, 1997).

3. O teatro como produção coletiva

O Teatro é uma arte essencialmente coletiva, pois, para que se realize, necessita de cena e plateia. A plateia é composta de um ou mais espectadores, enquanto a cena é por diversas funções (entre elas ator, diretor, dramaturgo, cenógrafo, iluminador, figurinista, contrarregista, aderecista, sonoplasta, camareira, produtor, entre outros) efetuadas, cada uma, por no mínimo uma pessoa. Ainda que a obra seja um monólogo, várias outras pessoas além do ator diante do público são necessárias para que o espetáculo se realize.

A necessidade de uma “criação coletiva” implica, na escola, em reconhecimento e integração com os colegas na criação de cenas, improvisações, exploração do espaço, elaboração e execução do texto. E, ainda, na relação palco-plateia, dá-se a interação entre ator e espectador.

Aqui também é importante que todos façam a análise e apreciação dos trabalhos criados e realizados. A análise e a apreciação desses trabalhos, além da satisfação em fazer e assistir, são realizadas tendo como base o alcance dos objetivos propostos. Tais objetivos podem ter como foco a concentração dos participantes, sua movimentação e utilização do espaço, a expressão corporal dos que estão em cena, a adequação dos materiais e recursos utilizados à informação a ser transmitida, entre outros.

4. O teatro como produto cultural e apreciação estética

Na escola, o teatro ajuda o aluno no entendimento e reconhecimento das relações e situações presentes na sociedade na qual está inserido, tanto o aluno quanto o teatro, bem como nas estruturas sociais de épocas passadas. Ele reflete, retrata e socializa valores morais e conhecimentos científicos e filosóficos. Ao mesmo tempo “educa” para a sociedade, “educa” o olhar para a obra de arte, pois, para apreciá-lo completamente, é necessário estar sensível e imbuído de referências inerentes ao fazer teatral; sem isso, é possível se satisfazer ao assistir um espetáculo, mas não compreendê-lo integralmente.

Até aqui vimos que a dualidade na experiência estética espelha uma ampla negociação no interior da experiência em geral. No entanto, alego ainda que a experiência estética, em ambas as formas, criativa e receptiva, revela o que normalmente não é visto na experiência comum. ... Isso permite-me afirmar que a experiência estética, em ambos aspectos, serve como um exemplo que repete e transforma o cotidiano. (DUARTE; FIGUEIREDO, 2001).

Isso faz parte da formação de plateia, tão importante nos dias de hoje, em que as principais referências culturais são absorvidas apenas eletronicamente. Fato este que não impede a apropriação e incorporação de novas linguagens tecnológicas pelo fazer teatral, o que reafirma o Teatro como retrato, reflexo e produto social.

O processo de formação de plateia também inclui a ida dos alunos a espetáculos em edifícios teatrais, o que promove o contato desses alunos com um ambiente essencialmente teatral, bem como com recursos e técnicas talvez não experimentados na escola, como o teatro de bonecos, teatro negro, ópera etc. e a apresentação, na própria escola, de produções extraescolares.

5. Ludicidade, criação e prazer

As brincadeiras infantis são consideradas por vários autores, como John Dewey, atividades espontâneas da criança. As crianças simplesmente brincam, sem que seja necessário pedir ou ordenar que o façam, como escovar os dentes, tomar banho, arrumar suas próprias coisas... ainda que sejam atividades espontâneas, a criança aprende a brincar socialmente, pois o jogo presente em todas as brincadeiras obedece regras (assim como todo ambiente social), inclusive do que simboliza cada elemento do jogo; tanto que em cada parte do mundo existem brincadeiras diferentes, relacionadas às culturas locais. Também crianças que não têm contato com pessoas que efetivamente brinquem com elas, como é percebido no comportamento de vários alunos das escolas brasileiras da atualidade, não sabem brincar e apresentam muita dificuldade em compreender o que estabelecem as regras das brincadeiras e por que elas existem.

O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar. As habilidades são desenvolvidas no próprio momento em que a pessoa está jogando, divertindo-se ao máximo e recebendo toda a estimulação que o jogo tem para oferecer (...) Qualquer jogo digno de ser jogado é altamente social... (SPOLIN, 2005).

Jogar é prazeroso e necessário para o desenvolvimento do ser humano em todos os sentidos, e o jogo é inerente a qualquer atividade teatral. Portanto, é possível afirmar que o Teatro tem um papel de suma importância no contexto escolar, citando Koudela (2004):

... a imaginação dramática está no centro da criatividade humana e, assim sendo, deve estar no centro de qualquer forma de educação. A característica principal do homem... é sua imaginação, ou seja, sua capacidade de fazer símbolos — a representação de um objeto, evento ou situação na ausência desse.

Dessa maneira fica evidente que, ao trabalhar com uma das principais marcas do ser humano, que é a capacidade de simbolizar — sem essa capacidade, inclusive, não seria possível o tipo de organização social humana que se apresenta —, o Teatro, como explicitado anteriormente, vai trabalhar o aluno em sua relação com ele mesmo e com o mundo a sua volta, do qual ele é um elemento.

Se esse trabalho, por sua especificidade, é de tamanha importância para os alunos em geral, qual não é a importância para os alunos com deficiência ou

necessidades educacionais especiais com origem em deficiências, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação?

O que se pode observar usualmente é que pessoas com as características explicitadas acima ficam em um lugar destacado da sociedade (no sentido de destacar-separar), não discutindo, aqui, as causas desse fato. Como a estrutura escolar é vinculada à estrutura social, alunos com tais características também se encontram à margem dessa estrutura.

No entanto, observa-se, também, que a sociedade como um todo está mais sensível às necessidades dessas pessoas e vem se reestruturando, gradativamente, a fim de minimizar essa distância. Seguindo essa tendência, em 1994, a Declaração de Salamanca afirma a necessidade da inclusão de pessoas com deficiência ou necessidades especiais advindas de quaisquer causas em todos os setores da sociedade. Consequentemente, houve uma mudança na política educacional, que resultou na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/1996. Viu-se a escola, então, obrigada a adotar essa política inclusiva, recebendo, preferencialmente no ensino regular, os alunos com deficiências ou necessidades educacionais especiais oriundas de deficiências ou transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação.

O teatro vem contribuir para que essa inclusão seja real, tanto na escola quanto na sociedade. No Rio de Janeiro, o Instituto Municipal Helena Antipoff desenvolve seu trabalho com base em uma perspectiva inclusiva e, em seu Centro de Referência em Educação Especial, possui, entre seus serviços, oferecidos a alunos matriculados nas escolas públicas da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, a Oficina de Teatro, que, atualmente, conta com dois grupos de trabalho e um atendimento individual, relatados a seguir, e que comprovam, na sua prática, a importância do teatro no espaço pedagógico.

6. Encaminhamento metodológico

O professor que deseja iniciar um trabalho de Teatro com seus alunos deve, antes de tudo, sensibilizar-se em relação a toda e qualquer linguagem artística — não se pode esquecer que a linguagem teatral comporta diversas linguagens — e, além disso, buscar compreender a relação entre razão e emoção a fim de nutrir-se e instrumentalizar-se para sua prática artística-pedagógica. Para isso, deve ir ao teatro, ao cinema, a exposições, shows; ler, tanto obras literárias quanto teóricas (críticas, teorias relacionadas à arte, artigos...), enfim, manter-se culturalmente informado e atualizado.

Na sala de aula, o primeiro passo é conhecer seus alunos, suas facilidades e dificuldades, seus interesses e necessidades. Colher dados sobre o grupo para possibilitar um planejamento inicial. Tal planejamento não deve estar atrelado à montagem de um espetáculo. Esse planejamento refere-se à primeira etapa de trabalho com qualquer grupo. De acordo com a necessidade, podem ser utilizados exercícios de consciência corporal, conhecimento e ocupação do espaço, consciência e percepção sensorial (uso de músicas, figuras, objetos, texturas etc.).

É interessante que todo trabalho sempre tenha início usando as facilidades e interesses do grupo, pois este deve sentir-se seguro e estimulado nas atividades propostas, partindo daí para a superação das dificuldades e ampliação dos interesses e possibilidades desse grupo, coletiva e individualmente.

Qualquer montagem de trabalho para apresentação, fora da aula de Teatro, depende do amadurecimento do grupo e só o professor pode fazer essa avaliação. Pois, ainda que não se exija um trabalho “profissional” como pré-requisito para uma apresentação pública, o responsável pelo trabalho de Teatro não tem direito de expor os alunos a uma situação vexatória. Nenhum trabalho de/com Teatro começa por um processo de montagem de espetáculo ou apresentação, apesar de muitos ainda fazerem essa confusão.

Para que se efetive, portanto, um trabalho teatral com qualquer grupo, é imprescindível que o professor seja atento, busque soluções para as dificuldades, realizando as adaptações necessárias a seus alunos, e esteja consciente de seu lugar de mediador em todos os processos e atividades, sabendo que, independentemente de um resultado imediato, ousadia e criatividade são inerentes a qualquer processo, e é este que produz os resultados constatados no cotidiano de todos os envolvidos na atividade teatral.

7. Case 1: grupo de alunos com deficiência visual

O grupo é formado, hoje, por alunos entre 13 e 27 anos, com cegueira e baixa visão, alguns acumulando ainda outras deficiências — mental e física. Três desses alunos frequentam turmas regulares do ensino fundamental, o restante frequenta uma classe especial para alunos com deficiência visual.

Em um primeiro momento, o trabalho com qualquer aluno com deficiência visual inclui o conhecimento do espaço. Apresentado a ele através da movimentação guiada (andar por todo o espaço disponível para o trabalho), descrição oral e rastreamento (tátil) do ambiente; tudo feito em concomitância. É importante que o espaço mantenha a mesma organização em todas as aulas para que o alu-

no saiba por onde andar e onde encontrar o que precisa. Qualquer alteração no espaço deve ser mostrada no início da aula.

As aulas começam com aquecimento corporal e vocal. Isso objetiva a consciência corporal do aluno, pois quanto maior o conhecimento do próprio corpo maiores as possibilidades de sua utilização, seja para locomoção ou expressão, incluídas nas possibilidades vocais, de produção e articulação dos sons de maneira consciente e intencional.



Figura 1 – Ensaio de *As meninas faladeiras*
Fonte: as autoras

Esses aquecimentos, além de prepararem para o trabalho teatral, têm como consequência a ampliação do repertório corporal (incluindo expressões faciais e gestuais) e vocal cotidiano, auxiliando amplamente na orientação e mobilidade dos alunos; que é a capacidade de perceber o ambiente, saber onde se está e movimentar-se de forma consciente (controle de movimentos), organizada e eficaz.